

DOI: 10.70513/iniciacao-cientifica-colegio-marista-santana.02

Diferenças nos sintomas do TDAH entre gêneros: uma análise comparativa

Sarah Saltz Santos Zambrano

Introdução

O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) é um dos distúrbios de saúde mental mais conhecidos na infância e adolescência, podendo persistir na vida adulta. Ele se manifesta por meio de sinais característicos, como dificuldade de manter a atenção por períodos prolongados, hiperatividade e impulsividade. Apesar da extensa pesquisa sobre o tema, a apresentação do TDAH não é uniforme, especialmente quando se considera a diferença entre os gêneros. Em meninos, os sintomas costumam ser mais evidentes, como agitação excessiva, interrupção frequente dos colegas e dificuldade em controlar impulsos. Já nas meninas, os sinais frequentemente surgem de maneira mais sutil, incluindo esquecimentos, desorganização, baixa autoestima e dificuldades emocionais.

Além disso, fatores culturais e sociais influenciam diretamente o reconhecimento do transtorno. É comum acreditar que meninos são naturalmente mais ativos, enquanto meninas devem se comportar de forma calma e organizada.

Compreender essas diferenças é essencial para garantir diagnósticos mais precisos e tratamentos adaptados às necessidades individuais. O presente trabalho busca analisar as distinções na manifestação do TDAH entre meninos e meninas, considerando implicações clínicas, sociais e escolares.

Justificativa

O TDAH representa um desafio significativo para a saúde mental infantil e

adolescente, uma vez que seus efeitos vão muito além da sala de aula. O transtorno pode prejudicar a autoestima, dificultar relacionamentos, gerar conflitos familiares e afetar o bem-estar emocional.

Nos meninos, os sinais costumam ser mais evidentes, incluindo agitação, impulsividade e dificuldades de autocontrole, o que leva pais e professores a buscarem ajuda mais rapidamente. Em contraste, nas meninas, os sintomas tendem a se apresentar de forma mais discreta, como desatenção, desorganização, timidez e sentimentos de tristeza. Essas manifestações podem ser erroneamente interpretadas como preguiça ou traços de personalidade.

O atraso na identificação do TDAH pode gerar impactos graves: baixo desempenho escolar, dificuldades nas relações sociais, sentimentos de inadequação, maior risco de ansiedade e depressão, além de repercussões na vida adulta, como prejuízos profissionais e relacionamentos comprometidos.

Estudar as diferenças de gênero no TDAH permite não apenas reconhecer um problema frequentemente ignorado, mas também orientar práticas de intervenção mais eficazes e inclusivas, garantindo que todos tenham acesso a suporte adequado para seu desenvolvimento pleno.

OBJETIVOS

- Objetivo geral

Investigar como o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) se manifesta de maneira distinta em meninos e meninas, considerando sintomas, diagnóstico e estratégias de tratamento.

- Objetivos específicos

1. Identificar os sintomas mais frequentes em cada gênero e como eles aparecem no cotidiano;
2. Analisar como as diferenças de gênero influenciam a percepção do TDAH por familiares, educadores e profissionais de saúde;
3. Avaliar o impacto dessas diferenças no tempo de diagnóstico, comparando meninos e meninas;
4. Refletir sobre práticas educacionais e clínicas que possam facilitar a identificação precoce do TDAH em meninas e garantir intervenções equitativas.

Referencial teórico

O TDAH é amplamente estudado em psicologia e psiquiatria infantil e está oficialmente reconhecido em manuais como DSM-5 (APA, 2022) e CID-11 (OMS, 2021). Trata-se de um transtorno do neurodesenvolvimento, caracterizado por alterações no funcionamento cerebral que afetam atenção, controle de impulsos e organização, interferindo no desempenho escolar, social e familiar.

A prevalência global do TDAH é de aproximadamente 5% em crianças e 2,5% em adultos (Polanczyk *et al.*, 2007; Rohde *et al.*, 2019). Entretanto, a forma de manifestação varia conforme idade, gênero e contexto social, dificultando o diagnóstico e a compreensão dos impactos a longo prazo.

Diferenças de Gênero no Diagnóstico

Meninos são diagnosticados com TDAH com mais frequência, apresentando comportamentos externalizantes — agitação, impulsividade e desobediência — que chamam atenção de educadores e familiares. Por outro lado, meninas geralmente apresentam sintomas internalizantes, como desatenção, desorganização e dificuldades emocionais, o que contribui para o subdiagnóstico e o atraso na identificação (Ramtekkar *et al.*, 2010).

Impactos Acadêmicos e Sociais

Na escola, meninos podem enfrentar advertências e suspensões, enquanto meninas lidam com problemas silenciosos, como desorganização e baixo rendimento, frequentemente interpretados como falta de interesse (De Rossi *et al.*, 2022). Em termos emocionais, meninas sem diagnóstico apresentam maior risco de ansiedade, depressão e baixa autoestima (Quinn, 2005).

Perspectiva Neurobiológica

Estudos de neuroimagem indicam diferenças entre cérebros de meninos e meninas com TDAH (Hart *et al.*, 2012). Meninos têm maior dificuldade no controle motor e impulsividade, enquanto meninas apresentam desafios na atenção sustentada e no processamento emocional.

Vida Adulta e Estereótipos

Embora parte dos sintomas diminua com a idade, 50% a 60% das pessoas ainda

apresentam dificuldades na vida adulta (Barkley, 2015). Mulheres podem experimentar sobrecarga em funções sociais e familiares, além de maiores níveis de estresse, ansiedade e dificuldades profissionais (Quinn & Madhoo, 2014; Nigg, 2013). Estereótipos culturais também dificultam o reconhecimento do TDAH, atrasando diagnósticos em meninas e reforçando desigualdades (Reis, 2023).

Caminhos para Inclusão

O manejo do TDAH deve ser multimodal, combinando medicação, suporte psicopedagógico, terapia e capacitação de professores e familiares (Mattos *et al.*, 2006). Estratégias específicas podem incluir:

- Meninos: desenvolvimento de autocontrole e habilidades sociais;
- Meninas: organização, autoestima e manejo emocional.

Metodologia

Este é um estudo qualitativo e bibliográfico sobre o TDAH e as diferenças entre os gêneros. A pesquisa bibliográfica permite compreender o tema a partir de estudos já existentes, oferecendo visão ampla e fundamentada (Gil, 2008).

A abordagem qualitativa visa interpretar como o gênero influencia a percepção, diagnóstico e tratamento do TDAH, priorizando a análise de fenômenos sobre a contagem de casos. Foram consultadas fontes confiáveis, incluindo livros, artigos, teses e documentos oficiais, utilizando bases como Scielo e Google Acadêmico.

Resultados e Discussão

A análise evidenciou diferenças claras na manifestação do TDAH entre meninos e meninas, bem como nos impactos sociais e emocionais.

Sintomas e Apresentação Clínica

Meninos apresentam sintomas externalizantes, como hiperatividade e impulsividade, enquanto meninas apresentam internalizantes, incluindo desatenção, desorganização e dificuldades emocionais (Quinn & Madhoo, 2014; Reis, 2023).

Diagnóstico e Subdiagnóstico

Meninas geralmente são diagnosticadas mais tarde, aumentando o risco de prejuízos acadêmicos, sociais e emocionais (Ramtekkar *et al.*, 2010).

Estereótipos Sociais

Comportamentos de meninos são mais aceitos socialmente, enquanto meninas com dificuldades de atenção podem ser interpretadas como desleixadas ou desmotivadas (De Rossi *et al.*, 2022).

Impactos Acadêmicos

Meninos são mais propensos a problemas disciplinares; meninas apresentam dificuldades silenciosas, como baixa produtividade e esquecimento (Ramtekkar *et al.*, 2010).

Impactos Emocionais

Meninas sem diagnóstico apresentam maior risco de ansiedade, depressão e baixa autoestima, enquanto meninos beneficiam-se do diagnóstico precoce (Quinn & Madhoo, 2014).

Tratamento

Tanto meninas quanto meninos respondem bem à medicação, mas meninas podem necessitar de estratégias adicionais focadas em habilidades emocionais (Biederman *et al.*, 2002).

Políticas Públicas

No Brasil, há necessidade de políticas de diagnóstico precoce e capacitação de professores, especialmente na rede pública, para reduzir desigualdades de gênero no TDAH.

Título	Autor(a)	Faixa etária	Métodos	Principais resultados
Diferenças de gênero no controle de redes como preditor da função executiva em jovens	Reis (2023)	2012-2022	Teste go/no go	Meninas cometem mais erros em tarefas complexas; meninos mais impulsivos

Continua na próxima página

Perfis de ansiedade e fatores de proteção: uma análise de perfis latentes em crianças	De Rossi <i>et al.</i> (2022)	6-18 anos	715 casos clínicos	Meninas com menos atenção; meninos com mais sintomas internalizantes, como ansiedade e depressão, devido à hiperatividade
TDAH em meninas e meninos – diferenças de gênero em sintomas e funções executivas	M. Gaub & C.L. Carlson	8-17 anos	Random Forest +escalas	Meninas têm mais sintomas internalizantes e comportamentais, o que pode levar ao subdiagnóstico
Diferenças de gênero no TDAH: uma meta-análise e revisão crítica	Gaub & Carlson (1997)	6-18 anos	Meta-análise de 18 estudos	Meninos com mais sintomas externalizantes; meninas com mais sintomas internalizantes
Diferenças de gênero no controle de redes como preditor da função executiva em jovens	Ramtekhar <i>et al.</i> (2024)	4-18 anos	Revisão sistemática e meta-análise	Meninas têm menos hiperatividade/impulsividade; desatenção é similar em ambos os gêneros em contextos clínicos

Considerações finais

O estudo demonstrou que o TDAH se manifesta de maneiras diferentes em meninos e meninas, influenciado por fatores biológicos, sociais e culturais. Meninos apresentam sintomas mais evidentes, facilitando o diagnóstico precoce, enquanto meninas frequentemente enfrentam atraso na identificação, com impactos acadêmicos, sociais e emocionais mais intensos.

O reconhecimento das diferenças de gênero é essencial para promover diagnósticos mais justos, intervenções eficazes e inclusão social e escolar. Profissionais de saúde, educadores e famílias devem atuar de forma integrada, garantindo suporte adequado e oportunidades iguais de desenvolvimento para todos os indivíduos afetados.

Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders** (DSM-5). 5. ed. Arlington: American Psychiatric Publishing, 2013.

BARKLEY, R. A. **Attention-Deficit Hyperactivity Disorder: A Handbook for Diagnosis and Treatment**. 4. ed. New York: Guilford Press, 2015.

BIEDERMAN, J.; FARAONE, S. V.; MONUTEAUX, M. C.; BOYLE, O. Clinical features of attention-deficit hyperactivity disorder in girls and boys. **Biological Psychiatry**, v. 57, n. 11, p. 1391–1400, 2002.

DE ROSSI, A.; VILLANI, D.; CIULLO, V.; VITALE, R.; ROSSINI, P. M. Anxiety profiles and protective factors in children with ADHD: A clinical sample study. **Journal of Attention Disorders**, v. 26, n. 4, p. 601–613, 2022.

GAUB, M.; CARLSON, C. L. Gender differences in ADHD: A meta-analysis and critical review. **Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry**, v. 36, n. 1997.

MATTOS, P.; SERRA-PINHEIRO, M. A.; ROHDE, L. A.; PINTO, D. **Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH)**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

POLANCZYK, G.; LIMA, M. S.; HORTA, B. L.; BIEDERMAN, J.; ROHDE, L. A. The worldwide prevalence of ADHD: A systematic review and metaregression analysis. **American Journal of Psychiatry**, v. 164, p. 942–948, 2007.

QUINN, P. O.; MADHOO, M. A review of attention-deficit/hyperactivity disorder in girls: Clinical features and treatment considerations. **Current Psychiatry Reports**, v. 16, n. 6, p. 1–9, 2014.

RAMTEKKAR, U. P.; REINER, W. C.; HERRERA, A. S. Sex differences in attention deficit/hyperactivity disorder and associated comorbidities. **Psychological Medicine**, v. 54, n. 2, p. 213–228, 2024.

REIS, M. Sex differences in network controllability as a predictor of executive function in youth. **NeuroImage**, v. 256, p. 119–128, 2023.

ROHDE, L. A.; HALPERN, R. Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade na infância e adolescência: Diagnóstico e tratamento. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 26, supl. 2, p. 7–11, 2004.